



J. C. Branner

JOHN CASPER BRANNER

(1850-1922)

A Geologia e a Geografia do Brasil entraram numa nova fase de pesquisas a partir de 1865, quando Louis Agassiz nos visitou com a Expedição Thayer. Charles Frederic Hartt, vindo em sua companhia como geólogo da expedição, revelou-se desde logo um investigador incansável da nossa natureza. Imprimiu ao estudo da geografia brasileira um caráter verdadeiramente científico; sistematizou e impulsionou o estudo da Geologia nacional. A semente lançada por Hartt encontrou solo fértil nos seus discípulos mais tarde por ele convidados a trabalhar em sua companhia na recém-criada Comissão Geológica do Império do Brasil. Estes jovens cientistas viriam a ser os continuadores da sua grandiosa obra — como havia sido ele da de seu antigo amigo e mestre Agassiz — figurando entre os mesmos, e em elevado plano, John Casper Branner.

Chegando ao Brasil em 1875, juntamente com os colegas Orville Derby e Herbert Smith, entrou Branner em contacto com a nossa geologia laborando na Comissão Geológica sob a orientação de Hartt, ao qual viria a substituir na direção da mesma, em 1878, por motivo do falecimento do seu Organizador. E' no desempenho desta função que Branner inicia pelo território brasileiro um intensivo trabalho de campo, com a finalidade de realizar pesquisas geológicas nas regiões até então inexploradas nesse sentido, consumindo neste desideratum 13 longos e proveitosos anos.

Antes, porém, de encetá-las, retornou aos EE. UU. onde exerceu a cátedra de Geologia nas Universidades de Indiana, onde, em 1885, recebeu o título de Philosophiae Doctor, e de Stanford, da qual viria a substituir na direção da mesma, em 1887, por motivo do falecimento do seu Organizador. E' no desempenho desta função que Branner inicia pelo território brasileiro um intensivo trabalho de campo, com a finalidade de realizar pesquisas geológicas nas regiões até então inexploradas nesse sentido, consumindo neste desideratum 13 longos e proveitosos anos.

Seu pendor pela geografia se manifestou quando, impressionado pelo terrível flagelo da "sêca", empreendeu em 1907 pelo interior da Baía uma longa excursão afim de estudar in loco este característico fenômeno climático do Nordeste, bem como os problemas sociais e económicos a êle relacionados.

Das expedições que realizou destaca-se, pelo valor dos resultados, a "Stanford Expedition". Compunham-na, além do grande sábio, sete cientistas: Olaf Jenkins, Earl Leib e George C. Branner, geólogos; Harold Heath, zoólogo; William Mann, entomólogo; Fred. Baker, malacólogo; e, Edwin Starks. Organizada por Branner nos EE. UU., partiu de New York sob a sua direção em 18 de Abril de 1911, chegando a Belém do Pará nesse mesmo ano.

O campo de estudos da expedição foi o Norte e o Nordeste brasileiros. Visitou o Ceará e o Rio Grande do Norte (excursões a Quixadá, no Ceará; Lagôa de Papari, Extremoz, Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte) estendendo Baker e Mann as explorações pelo Maranhão, Pará e Amazonas (Rio Madeira e E. F. Madeira-Mamoré). Das investigações especializadas de seus membros resultaram várias monografias geológicas, paleontológicas e zoológicas (estudos sobre peixes, insetos e moluscos), reunidas e publicadas em 1914, na Califórnia, sob o título — "The Papers of the Stanford Expedition to Brazil, in 1911".

À maneira dos cientistas americanos que entre nós permaneceram consagrando-se ao estudo da nossa gleba, Branner integrou-se imediatamente na sociedade brasileira, sempre acolhedora às grandes personalidades que nos distinguem com a sua visita. Sua reconhecida competência científica, aliada à sincera amizade que dispensava ao Brasil, valeu-lhe o convite para sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — cargo que considerava "a honra mais distinta que o homem de ciência pode alcançar neste país" — merecida homenagem àquele que proclamava com orgulho, justificando o seu grande conhecimento da nossa terra, nossa gente e nossas cousas: "Conheço o Brasil desde Mato Grosso até o Rio Grande do Norte e desde o Pará até o Rio Grande do Sul; por isso sou amigo do Brasil. Conheço os brasileiros desde os estadistas mais hábeis e os homens de letras mais distintos até os mais humildes pescadores das praias de Pernambuco e os vaqueiros do sertão".

Fertilíssimo nas suas produções científicas, contam-se para mais de meia centena as obras formadoras da sua bibliografia. Apesar de ter escrito principalmente sobre geologia, realizou vários estudos de geografia física. Eis algumas produções suas nestes dois setores: "A suposta glaciação do Brasil" (1896); "Terremotos no Brasil" (1910); "Geografia do nordeste da Baía" (1911); "Exploração geográfica e geológica no Brasil" (1886); "Geologia da costa nordeste do Brasil" (1901); "A procorca do Amazonas" (1890); "Geologia Elemental preparada com referência especial aos estudantes brasileiros" (1905), compêndio de raro valor didático, com ilustrações e exemplos colhidos no nosso território; "Mapa Geológico do Brasil", acompanhado de um "Resumo", texto explicativo do mesmo, com ilustrações e cortes; "Decomposição das rochas no Brasil" (1896), no qual explicou o polimento dos penedos graníticos e gnáissicos do país, bem como a formação dos matacões de suposta origem glaciária (os pretensos blocos erráticos de Agassiz), por estoliação e arredondamento das arestas destas rochas em virtude das bruscas mudanças de temperatura a que as mesmas estão sujeitas nos climas tropicais.

O mapa geológico do Brasil, elaborado por Branner, serviu até recentemente de base para o estudo da nossa geologia. Também a êle se deve a primeira interpretação do conjunto da estrutura da Chapada Diamantina.

Falecendo em 1.º de Abril de 1922 em Palo Alto, na Califórnia, Branner "encerrou, no dizer expressivo de Rodolfo Garcia, a série ilustre de naturalistas norte-americanos que no Brasil, na segunda metade do século passado, foram armados cavaleiros da Ciência e pela Ciência batalharam com esforço, com denodo, com abnegação e com glória".

O desenho reproduz fotografia, gentilmente cedida pelo Inst. Hist. Geog. Brasileiro.